

# Varição sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos

Ana Maria Martins  
Universidade de Lisboa (FLUL/CLUL) (Portugal)  
anamartins@letras.ulisboa.pt

Recibido o 15/01/15. Aceptado o 30/03/15

## Syntactic variation in sixteenth-century Portuguese: the position of clitic pronouns

### Resumo

Este trabalho desenvolve, à luz de novos dados, uma proposta apresentada em Martins (2011) relativamente à história da colocação dos pronomes clíticos no português. Aparentemente trata-se de uma mudança sintática com um percurso evolutivo surpreendente por apresentar, depois do século XVI, uma súbita inversão da direção da mudança. O problema de análises anteriores (incluindo as da autora) é, argumenta-se aqui, o de não reconhecerem a existência no português quinhentista (e para além dele) de dois dialetos no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos. Uma observação simplista das fontes textuais mascara a complexidade da situação linguística da época relevante e cria a ilusão de uma linha de continuidade entre objetos distintos. A presente investigação usa o *Livro de Cozinha de um Frade Português do Século XVI*, editado por Anabela Leal de Barros (2013), como fonte textual especialmente valiosa para a compreensão da história da colocação dos pronomes clíticos.

### Palabras chave

Varição gramatical, história da língua portuguesa, sintaxe dos clíticos, livro de cozinha quinhentista

### Sumario

1. Introdução. 2. A novidade dos dados da compilação de receitas por um frade quinhentista: dois dialetos na mesma fonte. 3. Conclusão.

### Abstract

This work reexamines in the light of new data a proposal put forward in Martins (2011) concerning the historical development of clitic placement in Portuguese. Prima facie, this syntactic change follows a surprising path apparently involving a sudden reversal in the direction of change after the sixteenth century. It is argued in this paper that previous analyses, including that of the present author, fail to recognise the existence in sixteenth century and later Portuguese of two (social) dialects as regards the position of clitic pronouns. A simplistic observation of textual sources masks the complexity of the linguistic situation in the historical period in question, creating an illusion of continuity between different objects. The present study uses the sixteenth century cookbook *Livro de Cozinha de um Frade Português do Século XVI*, edited by Anabela Leal de Barros (2013), as an especially valuable textual source to help us understand the history of clitic placement in Portuguese.

### Keywords

Grammar variation, history of the Portuguese language, syntax of clitic placement, sixteenth century cookbook

### Contents

1. Introduction. 2. The novelty of the data found in the compilation of recipes by a sixteenth century friar: two dialects in the same text. 3. Conclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

A colocação dos pronomes clíticos no português europeu (assim como no galego) apresenta um conjunto de características que não encontramos na maioria das línguas românicas contemporâneas. Podemos enunciá-las em cinco pontos. (i) A dicotomia afirmação/negação condiciona a oposição ênclise/próclise, existindo portanto uma relação entre a polaridade da frase e a posição dos pronomes clíticos relativamente ao verbo. (ii) A dicotomia entre orações principais e orações subordinadas finitas também condiciona a oposição ênclise/próclise. (iii) Os domínios não finitos (sobretudo as orações infinitivas) podem constituir contextos sintáticos de variação próclise/ênclise, sendo ambas as colocações permitidas no mesmo contexto. (iv) Ao contrário de línguas como o espanhol, o catalão e o italiano, a oposição verbo finito/verbo não-finito não é central relativamente à colocação dos pronomes clíticos já que tanto em frases finitas como em frases não-finitas a colocação ora é enclítica ora proclítica, dependendo de outros fatores. (v) O conceito de *proclisador/palavra proclisadora* aplica-se ao português europeu (e ao galego), mas não às outras línguas românicas, porque nas orações principais afirmativas ocorre normalmente a ênclise e só em casos particulares a próclise (concretamente quando uma *palavra proclisadora* precede o verbo)<sup>1</sup>.

Estes cinco traços caracterizadores da colocação dos pronomes clíticos no português europeu (a que me referirei a partir de agora apenas como *português*) já se encontravam no português dos inícios da produção escrita. Há essencialmente duas diferenças entre o português dos séculos XIII-XIV e o português contemporâneo (abstraindo dos contextos de subida do clítico). Nas orações subordinadas finitas e em outros contextos de próclise obrigatória, o português antigo permitia a interpolação de constituintes de diversas naturezas entre o clítico e o verbo. Nas orações principais sem proclisadores, ocorria predominantemente a ênclise mas a próclise com adjacência ao verbo também era uma opção possível (ainda que com um baixo nível de ocorrência). A perda da interpolação generalizada do português medieval dá-se gradualmente e apresenta um padrão evolutivo normal. É do lado da variação entre ênclise e próclise nos contextos que hoje são de ênclise obrigatória (ou seja, as orações principais afirmativas sem proclisadores) que vemos surgir um padrão evolutivo inesperado. A partir da segunda metade do século XIV a próclise torna-se cada vez mais comum atingido um pico de frequência com valores médios acima dos 80% no final do século XVI e início do XVII (cf. Paixão de Sousa 2004). O português parece então estar a evoluir na mesma direção que o espanhol e o catalão (cf. Granberg 1988, Castillo LLuch 1996, Nieuwenhuijsen 2006, Bouzouita 2008, Fischer 2002, Battlori, Iglèsias e Martins 2005). Mas inicia-se logo depois uma linha descendente de progressivo retorno à ênclise até esta se fixar como única colocação possível nas frases finitas afirmativas sem proclisadores. Este percurso evolutivo invulgar tem alimentado uma literatura vasta que procura explicá-lo com base em hipóteses teóricas, sobretudo dentro do modelo generativista. Eu própria segui este caminho no meu trabalho inicial sobre o assunto (Martins 1994) e em trabalhos seguintes. Mas propus mais tarde (Martins 2011) que o português antigo originou dois dialetos diferentes no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos: um em que a ênclise nunca deixou de ser dominante nos contextos de variação e que representa a linha de continuidade entre o português antigo e o português contemporâneo, e outro que representa uma linha evolutiva a que poderíamos chamar «pan-ibérica» e que veio a perder-se, embora pareça ter correspondido à variedade de prestígio no português quinhentista e seiscentista. A ser assim, o percurso evolutivo da ênclise para a próclise e depois de novo para a ênclise é ilusório, devendo-se apenas a que a norma escrita de um certo período da história da língua portuguesa deu visibilidade ao dialeto que viria a desaparecer e não ao que desembocou no português contemporâneo.

Para argumentar a favor desta hipótese, investiguei em 2011 a colocação dos pronomes clíticos nas personagens populares do teatro vicentino. No presente trabalho, o objeto de estu-

<sup>1</sup> Para uma descrição exaustiva do conjunto dos itens lexicais que funcionam como desencadeadores da próclise quando precedem o verbo, veja-se Martins (2013b). Trata-se de um conjunto restrito mas ontologicamente heterogêneo, se aplicarmos as classificações gramaticais habituais. Para o galego, veja-se Álvarez e Xove (2002).

do será o *Livro de Cozinha de um Frade Português do Século XVI* (a partir de agora, *Livro*), editado em 2013 por Anabela Leal de Barros e precedido de uma extensa e utilíssima introdução. Estas duas fontes (Gil Vicente e o *Livro de Cozinha*) lembram-nos o tipo de textos que os manuais de linguística românica incluem entre as fontes do latim vulgar: nas obras literárias, a comédia de autores particulares (como Plauto), fora delas, os textos técnicos (como o livro de cozinha atribuído a Apicius). Parece assim que o estudo de variedades de língua coloquial (ou sociolinguisticamente desprestigiada) exige a procura de fontes documentais específicas quando o registo escrito é a única porta de acesso. A correspondência privada também se inclui entre as fontes do latim vulgar. Num trabalho futuro usarei as cartas editadas no âmbito dos projetos CARDS e Post Scriptum (cf. [www.clul.ul.pt](http://www.clul.ul.pt)), coordenados por Rita Marquilhas, para observar a sintaxe dos clíticos no português quinhentista e seiscentista, mas por agora centro-me nas receitas de cozinha do *Livro*.

A introdução à edição dá-nos a base filológica necessária para podermos usar o *Livro* como fonte linguística. Dois factos fundamentais são estabelecidos pela editora, a partir de uma análise fina de evidência interna e externa ao manuscrito: a sua localização cronológica no século XVI e a sua natureza de compilação. A letra do manuscrito «aparenta ser dos séculos XVI-XVII» (Barros 2013:13). As suas características grafemáticas e linguísticas apontam para o período quinhentista, numa fase mais final que inicial. O que se pode deduzir sobre as condições de elaboração do manuscrito e o perfil do seu autor, quer a partir de elementos de história externa quer a partir de informação associada a alguma das receitas, aponta na mesma direção.

O manuscrito apresenta acentuada variação na representação das fricativas sibilantes, com a presença de abundantes grafias não etimológicas, como é próprio dos textos quinhentistas. Só há registo dos hiatos que evoluíram tardiamente, em particular o das palavras *hua*, *algua*, *nenhua*, que aparece sempre conservado no texto. A convergência no ditongo *-ão* das terminações nasais *-ã*, *-õ* e *-[ãu]* é claramente evidenciada pelas opções gráficas do manuscrito. Não há participípios em *-udo*, nem a presença de *d* intervocálico nas formas de 2ª pessoa do plural, nem exemplos de possessivos fracos, nem vestígios dos pronomes *i*, *(en)de*, nem casos de indefinidos negativos pré-verbais a co-ocorrerem com *não*, nem interpolação generalizada, nem outras marcas que pudessem apontar para uma cópia quinhentista de um manuscrito de época mais antiga. O facto de só o marcador de negação *não* poder ocorrer interpolado entre um clítico e o verbo indica que o texto se situará no final do século XVI e não no seu início, em concordância com o testemunho da letra (que «aparenta ser dos séculos XVI-XVII»). Por outro lado, há elementos no manuscrito que indicam que não será posterior ao século XVI: a já mencionada regularidade com que aparece conservado o hiato de *hua* e palavras afins, a presença generalizada da preposição *pera* sem alternância com a forma *para* (como nota a editora do *Livro*), a variação acentuada entre os verbos *ser* e *estar* que precede a estabilização da sua semântica lexical e consequente distribuição sintática, certos aspetos da ordem das palavras na frase (possível ordem OV nas orações subordinadas, anteposição de complementos e modificadores no sintagma nominal), a possibilidade de utilizar o infinitivo flexionado em frases independentes com valor imperativo (Martins 2012).

Acresce que uma variante morfológica aparentemente menor se constitui como indicador muito fiável para situar o manuscrito no século XVI. Neste século surgem as variantes nasalizadas *sim* e *assim* para a palavra afirmativa *si* e o advérbio *assi*, respetivamente, as quais viriam a substituir as formas medievais sem nasalidade. Com um âmbito mais restrito aparece também a forma *sim* como variante do pronome pessoal reflexivo *si*. Neste caso, a variante com vogal nasal não sobrevive ao século XVI. O reflexivo *sim* aparece na Crónica de D. João (1567), de Damião de Góis (vd. *Corpus do Português*) e na Crónica de D. Manuel (1566-1567), do mesmo autor, mas não em impressos posteriores (informação que agradeço a João Paulo Silvestre). Está também presente na cópia quinhentista do Livro de José de Arimateia, onde é introduzida por uma só das dez mãos que copiaram o manuscrito (cf. Martins 2013a). Fora dos textos literários aparece numa carta de 1542 do corpus Post Scriptum, mas não há qualquer registo em cartas do século XVII ou XVIII (informação que agradeço a Clara Pinto). Exemplos retirados do *Livro* e de outras das mencionadas fontes quinhentistas são dados a seguir:

- (1)
  - a. Também se faz pisando as noses per **sim** misturando depois tudo (Receita 70)
  - b. as alfases lansaõ de **sim** agoa suficiente (Receita 100)
  - c. e cada cousa desta se pisara por **sim** (Receita 201)
  
- (2)
  - a. vio diante **sim** rasto de um cavalo (Arimateia, fol. 200v)
  - b. não achou seu marido a par de **sim** (*idem*)
  
- (3) Posto que o sobrescrito diga pera Fernão Luis avela a cada hũ de vos por sua e Por não ter mais lugar me levê é comta não reservar a cada hũ por **sym** como é outras ey ffeito (PSCR0005)<sup>2</sup>.

Que o *Livro* é uma compilação de receitas que terão tido diferentes proveniências deduz-se da própria obra, «sendo evidente pelo conteúdo das receitas que as há provenientes de fontes diversas e também de momentos diferentes da vida de um mesmo colecionador, já que ele mesmo nelas introduz aqui e ali a sua voz, num estilo reconhecível e homogéneo» (Barros 2013: 81). Comentários como os que se encontram no final das receitas 164 e 189 indicam não só que não foram redigidas pelo autor/compilador do *Livro* mas também, como bem nota Anabela Leal de Barros, que têm origem numa fonte escrita: «naõ dis se a rosa há de ser machucada, ou inteira. Adiante na Receita dos bocados de assucar rosado se diz como haõ de ser as rosas» (164); «naõ dis se lhe aõ de deitar a meia escudela de çumo, mas parese q' sim» (189). No mesmo sentido aponta a presença no *Livro* de receitas repetidas, identificadas como «outra»/«outro», «outro modo melhor» e acompanhadas de anotações à margem do tipo «Esta me parese melhor porque he mais clara» (176) ou «esta he a melhor de todas» (193). Comentários na margem ou no final dos textos, assim como adições no seu interior, também indiciam uma autoria múltipla para as receitas coligidas no *Livro*: «custa muito pera taõ ruim iguaria (278), «<Se levar sua agoa rosada he boum>», «<O asucar, e agoa de flor vi eu deitar na tigela já fria se quer beber>» (126), «também lhe vi deitar huas ameixias seccas, e amêndoas piladas inteiras, e lhe daõ muita graça» (40), «Eu lhes vi lancar por sima também aseite e poejos» (81); «eu lhes vi lancar dentro hum pouco de vinho, e dalhes muita graça» (84); «<alguns lhe botaõ hum copo de vinho branco>» (87), «<de necessidade se lhe ha de lansar vinho, e boum>», (87), «<ou com flor de cardo que he melhor pisada com sal e deitado dentro desfeito com hua pouca de agoa>» (67), etc. Há abundante evidência a suportar as conclusões da editora deste *Livro de Cozinha de Um Frade Português do Século XVI*, que nota também o carácter possivelmente inacabado da obra:

Apesar de o presente manuscrito ser indubitavelmente uma cópia a limpo (com rasuras pontuais, indicando uma trasladação de material prévio, ainda que com os seus acrescentos), a presença dessas receitas repetidas, que podem ser três ou mais para um mesmo prato, em pontos diferentes do livro, indicia também que não houve uma especial atenção a este trabalho, não se havendo chegado à sua reorganização completa, agrupando todos os pratos em secções e colocando em sequência mais perfeita todas as receitas alternativas. Quiçá haveria outra lógica subjacente, que tornava desinteressante essa reorganização, como a da mesma fonte ou origem e época de conjuntos de receitas (as da tia, as do Colégio, as de Itália ou escritas em Itália, as espanholas). Por outro lado, os acrescentos e aspectos de uma mesma receita que se foram registando longe das indicações que complementam (mais para diante, no final ou nas margens) seriam facilmente refundidos no seu lugar caso houvesse nova cópia organizada no tocante quer ao conjunto das receitas quer, neste caso, ao conteúdo e estrutura de cada uma, o que não chegou a empreender-se (Barros 2013: 18-19).

## 2. A NOVIDADE DOS DADOS DA COMPILAÇÃO DE RECEITAS POR UM FRADE QUINHENTISTA: DOIS DIALETOS NA MESMA FONTE

O conjunto de receitas/textos do *Livro* permite-nos observar o tipo de variação entre próclise e ênclise em frases finitas sem proclisadores que esperamos em textos quinhentistas. A variação pode ocorrer dentro de um mesmo texto, como exemplificado pelas duas receitas muito breves em (4) e (5). Regista-se também em contextos similares recolhidos em diferentes receitas, como ilustram os pares de frases em (6) e (7). Nesta descrição utilizo o termo *ênclise* para cobrir também

<sup>2</sup> Vd.: <http://cards-fly.clul.ul.pt/teitok/postscriptum/pt/index.php?action=edit&id=EditorMerged/PSCR0005.xml>.

a *mesóclise* que não é mais do que uma sua variante, pois ocorre exatamente nos mesmos contextos sintáticos associada à morfologia de futuro e condicional. Transcrevo os exemplos a partir da edição semidiplomática de Barros (2013), na qual é conservada a pontuação do manuscrito.

- (4) Posta a agoa a feruer, e temperada do sal, **se** *lançarão* nela, e cosidos *comemse* com aseite, e vinagre. (Receita 85 - Caranguejos)
- (5) Fasemse de todas as eruas q' se comem, e *picarseão* muito miudas com cebola, coentros, ortela, e **se** *poraõ* a coser em agoa q' as cubra com seu sal, e depois aseite. (Receita 117)
- (6) a. O Requeixão *fase* desta maneira (Receita 252)  
b. <os> Queixos de alenteio, **se** *fase'* desta maneira (Receita 253)
- (7) a. Aparados os pesegos *pollosaõ* a cozer na agoa (Receita 180)  
b. Feito hu' molho de adubos **se** *pasaraõ* per elle (Receita 31)

A novidade dos dados do *Livro* começa no facto de algumas das receitas (incluindo as de maior extensão) apresentarem apenas ênclise, enquanto outras apresentam apenas próclise, nos contextos de variação. O *Livro* integra um total de 303 textos: 283 receitas de cozinha, numeradas sequencialmente pela editora, seguidas de 20 «mezinhas, receitas cosméticas, dermatológicas ou medicinais e químicas», numeradas de 1\* a 20\* (tendo sido estas últimas extraídas pela editora do lugar que ocupavam no manuscrito e colocadas numa secção final do *Livro*). Do total de 303 textos, 42 não têm ocorrências de clíticos em contextos de variação, 78 apresentam apenas ênclise nos contextos relevantes, 24 são essencialmente enclíticos, com uma ocorrência isolada de próclise, 61 apresentam apenas próclise e 19 são tipicamente proclíticos, embora contenham uma ocorrência de ênclise. Restam 79 textos que apresentam variação entre próclise e ênclise em proporções variáveis. Apresentam-se abaixo, a título de exemplo, quatro textos com comportamentos diversos. Os dois primeiros (i.e. as receitas 212 e 277) mostram a ocorrência exclusiva da ênclise em contextos de variação (lembre-se que a mesóclise é contabilizada como ênclise); o terceiro (i.e. a receita 19) mostra a ocorrência exclusiva da próclise nos mesmos contextos; o quarto (i.e. a receita 280) exhibe ocorrência regular da próclise à exceção de um único caso (*e deitemlhe*).

212

Gergelada

Hu' arratel de Gergelim meia liura de mel. A o Gergelim q' fase' branco deitaõ outro tanto peso mas de asuq<sup>o</sup> a metade, e a outra metade de mel, e ha de ser o Asuq<sup>o</sup> mui<sup>o</sup> grosso, e *misturano* com mel, e *bateno* mui<sup>o</sup> bem q' se fasa muito aluo, e ha de ser mui<sup>o</sup> bem cosido pera boum. E antes que se acabe de coser *deitemlhe* huas poucas de amendoas machucadas, e outras cortadinhas por sima, e *darlheaõ* hu' par de voltas com ellas, e o Gergelim, p<sup>a</sup> se fazer branco, *faselhe* hua senrada, e entaõ *lauano* em mui<sup>tas</sup> agoas e *ponhano* a o sol e *enxugueno* muito bem.

277

Manjar branco

Tome' hu' peito de galinha boa, e velha, e cosano e' branco, se' cousa algua, e tirado enuolvano e' hu' panno limpo, e pisenno mui<sup>o</sup> be', e depois desfileno mui<sup>o</sup> be', e boteno e' hu' tacho com hu' pouco de leite, e de'lhe hua batidura com as costas de hua culher, e botarlheaõ a farinha de hu' aratel de aros, e tornalohaõ a bater mui<sup>o</sup> be', e botarlheaõ a demasia do leite, q' ha de ser perto de duas canadas, e aratel, e meio de asucar e' pedra, e deite'lhe seo sal, e ponhano a coser, e andaraõ se'pre com elle, q' se não apegue, e deixe-no coser mui<sup>o</sup> be', não largando nunca a culher delle, atte q' fique feito, e fasa fio de correa.

19

Leitoins

Sangrado o *enuoluerãõ* em o seu mesmo sangue, e o *abrirãõ* pella vasia mui limpamente, e o *lauarãõ*, com vinagre, se quisere' pera lhe tirar algum cheiro, e dar algua graça, e *lhe meteraõ* alhos pisados, e huas tiras de tousinho, e depois cosida a abertura **se** *poderã* assar, e o *iraõ* pingando por fora com outras tiras de tousinho, e naõ hauendoo co' aseite, destemperado com agoa.

Conserua de perdises com q' se leuaõ a India, e eu **as** leuei a Roma

As perdises **se quere'** mortas de dous dias ao menos com a mesma penna, e eles passados **as depennaraõ**, e assaraõ muito bem como se se ouuesse' de comer logo, e **as deixaraõ** arefeser, e **as meteraõ** no quarto, ou vaso que pareser, conforme a cantidade dellas, e **se fara** a parte o molho na forma seguinte.

Sendo hua dusia **se lhe deitara** hu' quartilho de muito bou' aseite, e de vinagre a cantidade que baste pera as cobrir, e sendo vinagre muito forte **se destempere** com agoa, e **deitemlhe** nesta calda, crauo, pimenta, sal tudo muito be' pisado, a cantidade que parecer conforme a cantidade das perdises. Advertindo q' esta calda cubra as perdises sempre. E taparaõ o vaso, se ouuer de ir pera fora. & nesta forma **as trouxe** eu de Lx<sup>a</sup> atte Roma fresquiõssimas como se foraõ mortas e assadas daquelle dia.

Os textos seleccionados para ilustração são, dentro do *Livro*, de dimensão média, existindo outros mais extensos que exibem o mesmo tipo de contraste entre escolha dominante da ênclise ou escolha dominante da próclise em idênticos contextos sintáticos. Este facto é já de inesperado em textos de igual cronologia (quinhentista) e de igual tipologia (receitas de cozinha). Mas uma leitura sequencial do *Livro* surpreende-nos com um outro facto. Há zonas do *Livro* onde predominam os textos com preferência pela ênclise e outras zonas em que, pelo contrário, se encontram maioritariamente os textos que exibem preferência pela próclise. O Quadro 1 mostra-nos os resultados que se obtêm por fragmentação do *Livro* em seis segmentos, cujos limites foram definidos intuitivamente no sentido de separar entre si zonas de maior peso da ênclise e zonas de maior peso da próclise. Torna-se então claro que embora no cômputo geral os valores da ênclise sejam bastante superiores aos da próclise (68% contra 32%), há partes do *Livro* em que a próclise é dominante (em torno dos 70%). Estas partes, por sua vez, aparecem intercaladas entre segmentos onde a ênclise se situa acima dos 60% e pode atingir 84%.

Receitas	1-25	26-106	107-151	152-220	221-283	1*-20*	Total
Ênclise	22	126 64,3%	34	382 84,1%	66	72 73,5%	702 68%
Próclise	49 69%	70	85+ 71,4%	72	128 66%	26	430 32%

**Quadro 1.** Variação Ênclise/Próclise em frases finitas em diferentes segmentos do *Livro*

Tendo em conta que o *Livro* é uma compilação de receitas, como estabelecido pela editora da obra e referido na secção anterior, há uma explicação provável para a situação espelhada pelo Quadro 1. As diferentes fontes a que o compilador recorreu não seriam uniformes no que diz respeito à sintaxe dos clíticos, refletindo antes duas variedades a que poderemos chamar *dialetos* (numa perspetiva socio-histórica) ou *gramáticas* (numa perspetiva generativista)<sup>3</sup>. Numa das variedades os clíticos são tipicamente enclíticos em frases finitas sem proclisadores, a outra prefere generalizadamente a próclise, esbatendo a noção de *proclisador*. A primeira corresponde à variedade que se tornou geral no português moderno, e que alinha o português com o galego, a segunda exhibe o padrão de mudança que veio a definir a sintaxe dos clíticos em outras línguas ibéricas e românicas. Se tivesse persistido, alinharia o português com o espanhol e o catalão. Não é objetivo deste trabalho investigar as circunstâncias socio-históricas que terão levado à morte, no espaço português, da variedade a que em trabalho anterior chamei *pan-ibérica*. Pretendo sim argumentar a favor da existência no português quinhentista (e para além dele) de variação dialetal/gramatical no que diz respeito à sintaxe dos clíticos, contra o que tem sido geralmente assumido na literatura.

Antes de prosseguir, torna-se necessário sublinhar que a evidência linguística do *Livro* demonstra que a presença muito forte da ênclise em parte das receitas compiladas não pode ser explicada por uma possível filiação em fontes medievais. O *Livro* é muito homogêneo nos seus

<sup>3</sup> Veja-se Kroch (1989, 1994, 2001) para o conceito de *grammar competition* e a proposta de que «syntactic change proceeds via competition between grammatically incompatible options».

traços grafo-fonológicos, morfológicos e até sintáticos, como Anabela Leal de Barros mostra na introdução à edição e aqui se esclareceu na secção anterior. Os traços grafemáticos e linguísticos do *Livro* apontam convergentemente para a segunda metade do século XVI (dada, por exemplo, a limitação da interpolação à palavra *não*) e não há quaisquer vestígios de formas caracteristicamente medievais. Ao invés do *Livro*, as cópias quinhentistas de manuscritos medievais deixaram suficientes marcas das camadas linguísticas originais mesmo quando existiu uma explícita intenção normalizadora, como bem demonstrou a investigação de Sílvio Toledo Neto (2001) sobre o manuscrito quinhentista do Livro de José de Arimateia, cuja versão original remonta à segunda metade do século XIII.

Feita esta clarificação, voltemos à observação da colocação dos pronomes clíticos nos textos do *Livro*. Numa tentativa de usar um outro indicador que não o posicionamento das receitas no manuscrito para descobrir possíveis unidades pré-existentes à compilação, procurei identificar «estilos» de receitas. O Quadro 2 mostra os dados correspondentes a três grupos de textos reunidos em função do seu *incipit* (que reflete outras afinidades de estilo). O *Livro* inclui 42 textos iniciados por *Tomarão* (*Tomarão a galinha assim crua*; *Tomarão gemas de ouos duros*; *Tomarão hu' pipino grande*; *Tomarão as sardinhas frescas se' sal*, etc.), 36 textos iniciados por uma oração participial com verbo inicial (*Piccada a carne crua sem osso, cebolla coentos, e ortela porseha a coser*; *Abertas as tripas com uma faca aguda, se lavarão com água*; *Cosidas as peras na agoa depois de appardadas, pisanas mui<sup>to</sup> be'*, etc.) e 18 textos com a menção inicial de uma certa quantidade de *arráteis* (*a dous arrates e meio de Asuqar haõ de deitar quatro de mermellos*; *A hu' arrátel de Rosas arrátel, e meio dasuq<sup>re</sup> clarificado*, etc.)<sup>4</sup>. O peso da próclise e da ênclise em cada um dos grupos é diversificado, como mostra o quadro, dando apoio à hipótese de que diferentes estilos de receitas possam sinalizar diferentes fontes do *Livro*, que o compilador não copiaria necessariamente em sequência.

Incipit da receita	Tomarão...	Oração participial com verbo inicial	(a) (x) arrátel/arrates
Ênclise	210 78,7%	35	55 69,6%
Próclise	65	79 69,3%	24

Quadro 2. Variação Próclise/Ênclise e «estilos» das receitas

Os textos iniciados por *Tomarão* distribuem-se ao longo de todo o *Livro* (de 35 a 281 e de 6\* a 12\*), mas com zonas de concentração. Só 6 dos 42 textos iniciados por *Tomarão* aparecem nos segmentos do *Livro* identificados no Quadro 1 como de domínio da próclise (i.e. as receitas 150, 223, 226, 233, 234, 281). O que caracteriza este conjunto de textos é a clara preferência pela ênclise nas frases finitas sem proclisadores. A percentagem de 78,7% de ênclise está mais de 10 pontos acima do valor médio no *Livro* (cf. o Quadro 1). Do total de 42 textos, 18 apresentam exclusivamente ênclise nos contextos relevantes e 10 têm cada um apenas uma ocorrência de próclise. Só em quatro textos há mais próclise do que ênclise (i.e. 40, 150, 176, 209). Se estes textos fossem excluídos do grupo, a frequência da ênclise nas receitas iniciadas por *Tomarão* subiria para os 82,3%<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Outros estilos de textos podem ser identificados, mas não foram estudados no que diz respeito à frequência relativa da próclise e da ênclise nos contextos de variação. Por exemplo: os 31 textos iniciados por uma forma verbal no futuro do indicativo (*Alardarão os frangos e picarão carneiro...*), os 16 textos iniciados por uma forma verbal no futuro do indicativo associada ao pronome impessoal *se* (*Deitarseha em vinagre destemperado com agoa...*), os 22 textos iniciados por uma forma verbal no presente do indicativo associada ao pronome impessoal *se* (*Pomse a feruer a agoa com hu' terço de vinagre...*), os 18 textos iniciados por uma forma do verbo *fazer* (*Fase, Farsea, Fasemse, Farão/Fasão*).

<sup>5</sup> Neste estilo de receitas as formas verbais do futuro do indicativo são muito comuns, pelo que a ênclise adquire nelas com frequência a forma de mesóclise. Não deve pensar-se, contudo, que é a morfologia verbal o fator favorecedor da ênclise, pois são igualmente abundantes no livro as formas de futuro do indicativo com próclise, nos contextos de variação. Vejam-se, a título de exemplo, os textos integrais acima transcritos. Além disso, na *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues, uma obra seiscentista estudada por Rocha (2009), a próclise é mais frequente do que a ênclise, em contextos de variação,

Um quadro diferente é desenhado pelos textos iniciados por uma oração participial com verbo inicial. Estes mostram uma frequência da próclise de 69,3%, ou seja, mais de 37 pontos acima da média geral do *Livro* (cf. o Quadro 1), embora 18 dos 36 textos se encontrem em zonas do *Livro* que o Quadro 1 mostra serem de domínio da ênclise<sup>6</sup>. Este nível de frequência da próclise, ou um nível superior, é o que normalmente se encontra nos textos literários e nos textos notariais quinhentistas. Isto aponta para que o *Livro* põe lado a lado textos em que a colocação dos clíticos segue a norma escrita da época (alinhada com o dialeto favorecedor da próclise) e textos que escapam a essa norma e deixam ver a existência do dialeto favorecedor da ênclise que define uma linha de continuidade entre o português antigo e o português contemporâneo<sup>7</sup>.

Por fim, considerando ainda o Quadro 2, os textos que se iniciam com referência a uma certa quantidade de arrátéis são um pequeno universo de 16 receitas (concentradas na segunda metade do *Livro*) que parecem espelhar a situação do próprio *Livro*<sup>8</sup>. Dentro deste pequeno universo há textos de todas as naturezas no que diz respeito à colocação dos pronomes clíticos nos contextos de variação e as médias de frequência da ênclise e da próclise andam muito próximas das dos valores globais do *Livro*. Tratando-se de um pequeno conjunto de textos, acontece contudo que basta excluir os três textos em que a próclise é dominante (i.e. 230, 261 e 19\*) para que a frequência da ênclise salte dos 69,6% para os 85,7%.

O *Livro* parece oferecer-nos assim a possibilidade de confirmar a existência do dialeto cuja presença nas fontes escritas quinhentista é rara. Mas oferece-nos mais, pois permite-nos ver os dois dialetos, lado a lado, na mesma obra, constituindo-se assim num testemunho linguístico extremamente valioso. O facto de os dois padrões de colocação dos pronomes clíticos poderem observar-se em textos do mesmo género, isto é, em receitas de cozinha quinhentistas, afasta a hipótese de serem condicionados por géneros textuais. Quer dizer, não se trata de variação livre entre próclise e ênclise, com certos géneros textuais a favorecerem uma das opções. Trata-se sim de dois dialetos ou, se quisermos, duas gramáticas em competição, com estatutos sociolinguísticos diferentes, como defendi em Martins (2011). Se assim é, esperamos poder encontrar algumas correlações entre os dados de distribuição da próclise/ênclise em cada um dos dialetos e outros factos linguísticos. Vejamos o que nos oferece o *Livro*.

Uma das propriedades que observamos no dialeto mais enclítico é a ocorrência marginal da ênclise em orações subordinadas finitas (onde o padrão normal de colocação dos pronomes clíticos é, em todas as épocas, a próclise). Exemplos de tal colocação encontram-se no *Livro* em orações relativas, como (8), e em orações introduzidas por *porque*, como exemplificado em (9). Significativamente, este tipo de exemplos encontra-se apenas nos textos em que a ênclise aparece como padrão regular ou dominante de colocação dos clíticos em frases finitas sem proclisadores.

- (8) a. e tela aõ no mesmo alguidar noue dias no fim dos quaes *deitalaõ* em hu' tacho (Receita 11\*)  
 b. Rechease o pescoço do patto desta maneira, tiraõ o osso fora, o (?) qual *misturano* se quere' com a cabedella (Receita 41 – Cabidela com murciana)
- (9) a. e aparallosaõ o mais de pressa q' puder ser per q' se naõ esfriem porq' *pisamse* melhor quentes (Receita 158)  
 b. E a cabo destes dias tornaloaõ a coser em agoa mui<sup>o</sup> feruendo q' tenha sempre mui<sup>o</sup> bou' lume, porq' doutra maneira *fase* preto (Receita 177)

Por outro lado, nos textos em que o padrão dominante é a próclise, surge evidência de que estamos a observar um dialeto com outras características e numa linha de mudança semelhante

somente quando o clítico se associa às formas de futuro do indicativo. Fora deste universo restrito, o padrão dominante na *Arte de Cozinha (1680)* é a ênclise.

<sup>6</sup> Isto é: 31, 34, 54, 56, 60, 67, 71, 80, 81, 87, 91, 93, 98, 102, 154, 172, 180, 222.

<sup>7</sup> Os textos iniciados por oração participial com verbo inicial encontram-se distribuídos da receita 10 à receita 249. São em geral mais breves do que os textos iniciados por *Tomarão* (um possível traço caracterizador do seu estilo) e, por isso, o número total de ocorrências de clíticos em contextos de variação é neste grupo de textos bastante mais baixo. Ou seja, aos 42 textos iniciados por *Tomarão* correspondem 285 ocorrências de clíticos nos contextos relevantes, enquanto que aos 36 textos iniciados por oração participial correspondem apenas 114 ocorrências de clíticos nos contextos de variação.

<sup>8</sup> Estes textos distribuem-se da receita 156 à 267 e reaparecem em 18\* e 19\*.



à do espanhol quinhentista (Keniston 1937, Nieuwenhuijsen, D. 2006, Bouzouita 2008). Podem encontrar-se nestes textos ocorrências de clíticos em posição inicial de frase, como ilustrado em (10) e (11), e também depois de um constituinte movido para a periferia esquerda da frase por Deslocação à Esquerda Clítica, como em (12), mostrando um afastamento da restrição contra a ocorrência de clíticos em posição inicial conhecida por Lei Tobler-Mussafia. Os exemplos do *Livro* são poucos mas também no espanhol quinhentista é baixa a frequência deste tipo de colocação, que só mais tarde se tornará normal<sup>9</sup>.

- (10) **Se lhe** irãõ lançando muito em fio q' se naõ aiuntem quanto puder ser, e ellas cosidas e tiradas com a forquilha irãõ deitando, e tirando outros atte se acabar (Receita 145 – Ouos Reaes)<sup>10</sup>
- (11) Em tirando o leite das vacas o coe', e seja cousa de hua canada de leite, que naõ esteia ne' quente, ne' frio, **lhe**<sup>11</sup> botaraõ hu' pequenno de qualho de cabrito desfeito no leite (Receita 278)
- (12) a. Aratel de gingias se' caroso, **o** deitaraõ e' hu' alguidar (Receita 261)  
b. As la'preias tirado o fel, e mui<sup>10</sup> be' lauadas **as** enrodilharaõ (Receita 282)

Um outro facto muito interessante que se observa nos textos em que o padrão dominante é a próclise é a possibilidade de ocorrer ênclise em orações gerundivas negativas, como exemplificado em (13). Não conheço outros exemplos deste tipo de colocação. Nos textos medievais a próclise é categórica nas orações gerundivas negativas, em contraste com as afirmativas que têm sempre ênclise. De novo a posição do clítico em (13) nos remete para o espanhol e o catalão, línguas em que a distribuição da próclise e da ênclise passou a ser condicionada pela oposição morfológica entre formas finitas e formas não-finitas do verbo.

- (13) a. e o irãõ pingando por fora com outras tiras de tousinho, e **naõ hauendo** co' aseite, destemperado com agoa (Receita 19)  
b. E estará assim, atte pareser q' estaõ cosidas o q' se vera pondo a maõ ensima e **naõ achandoas** molles (Receita 216)

Deixo para futura investigação a análise da ordem dos constituintes frásicos nos dois grupos de textos. Em diversos trabalhos de índole diacrónica, Charlotte Galves (em publicações individuais e em parceria) mostrou existir uma correlação entre frequência alta da próclise nos contextos de variação e frequência relativamente alta de sujeitos pós-verbais (Cf. Galves, no prelo, e referências aí citadas; Galves, Britto, Paixão de Sousa 2005; Galves, Paixão de Sousa 2005). À medida que, no eixo temporal, as fontes escritas vão mostrando um decréscimo da próclise a favor da ênclise decresce também a ordem verbo-sujeito. A abundância no *Livro* de sujeitos nulos e sujeitos impessoais expressos pelo clítico *se* poderá dificultar a tarefa de obter dados relevantes, mas só uma investigação sistemática permitirá sabê-lo<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Em Martins (2011) considerei que a posição inicial nas configurações de Deslocação à Esquerda Clítica não seria, necessariamente, um traço caracterizador do dialeto favorecedor da próclise nos contextos de variação. Mas os textos do *Livro* parecem apontar na direção contrária pois as frases do tipo de (12) acima surgem associados aos textos que exibem maior frequência da próclise, enquanto os textos mais enclíticos mostram preferência por frases como (i) e (ii), com ênclise na configuração de Deslocação à Esquerda Clítica.

(i) Vacca fresca muito bem picada **deitallaõ** em hua panella piquena com caldo gordo q' ferua (Receita 44)

(ii) As peras de Conserva **aparlalaaõ** (Receita 210)

<sup>10</sup> Há maiúscula precedida de ponto no manuscrito, o que só por si não seria indicador de posição inicial de frase. Mas é essa a interpretação mais provável, embora a frase que precede este clítico inicial seja longa e de leitura difícil. Barros (2013: 261) também interpreta assim, como mostra a edição modernizada.

<sup>11</sup> Apesar de a pontuação do manuscrito não o assinalar, o clítico está claramente em início de frase. Assim o interpreta também a editora do *Livro*, como mostra a pontuação da edição modernizada: «Em tirando o leite das vacas o coem, e seja coisa de uma canada de leite, que não esteja nem quente nem frio; lhe botarão um pequeno de coalho de cabrito desfeito no leite» (Barros 2013: 407).

<sup>12</sup> Os dois exemplos seguintes foram extraídos de textos com predomínio da próclise:

(i) Estara o trigo cinco dias de molho mudandolhe a agoa duas vezes cada dia (Receita 143)

(ii) E esteia o soro e' riba o qual deitaraõ fora (Receita 278)

### 3. CONCLUSÃO

O estudo da colocação dos pronomes clíticos no *Livro de Cozinha de Um Frade Português do Século XVI*, dado a conhecer numa excelente edição de Anabela Leal de Barros (2013), permitiu-nos observar que no português quinhentista existe acentuada variação nesse domínio da gramática, facto que os textos literários da época, em geral, encobrem. Como mostram os Quadros 3 e 4, apresentados a seguir, a seleção de diferentes partes do *Livro* conduz-nos a resultados radicalmente opostos quando apuramos o padrão preferencial de colocação dos pronomes clíticos nos contextos finitos que admitiam variação entre próclise e ênclise. Um observador que olhasse apenas para as partes destacadas no Quadro 3 não encontraria no *Livro* diferença assinalável relativamente ao padrão preferencialmente proclítico que normalmente se encontra na produção escrita quinhentista, tanto literária como notarial<sup>13</sup>. O valor de 68% de próclise que o Quadro 3 mostra está dentro dos limites quantitativos esperáveis na época, sem ser particularmente alto. A surpresa surge quando se observam as outras partes do *Livro* (Quadro 4), onde a percentagem de ênclise não tem paralelo na generalidade dos textos quinhentistas, sendo apenas aproximável do valor de 72,4% de ênclise, em idênticos contextos, que resultou do estudo da fala de 48 personagens populares do teatro de Gil Vicente (Martins 2011).

Receitas	1-25	107-151	221-283	Total
Ênclise	22	34	66	116 32%
Próclise	49	85	128	246 68%

Quadro 3. Partes do livro com domínio da Próclise

Receitas	26-106	152-220	1*-20*	Total
Ênclise	126	382	72	564 78,6%
Próclise	70	72	26	154 21,6%

Quadro 4. Partes do *Livro* com domínio da Ênclise em contextos de variação

A proposta principal da presente investigação é que a diferença entre os dados do Quadro 3 e os dados do Quadro 4 não corresponde a variação livre na colocação dos pronomes clíticos no português quinhentista, mas reflete sim a existência de dois dialetos (ou duas gramáticas) no que diz respeito à sintaxe dos clíticos. O facto de o *Livro* ser uma compilação de receitas com diferentes proveniências permite que se constitua num objeto raro, enquanto fonte linguística, por dar visibilidade aos dois dialetos relevantes dentro do mesmo género textual. A argumentação e conclusões deste trabalho dão continuidade aos resultados alcançados a partir do estudo das falas de um conjunto de personagens populares vicentinas e deverão ter continuação na investigação das cartas particulares, produzidas por autores sem familiaridade profissional com a escrita, que integram o corpus *Post Scriptum*, coordenado por Rita Marquilhas. A escolha das fontes é o aspeto mais sensível desta investigação a prosseguir e, nessa medida, depende da publicação de boas edições dos textos apropriados. Enquanto o dialeto que aponta para a generalização da próclise constitui a norma escrita (literária e notarial) do português quinhentista e está largamente representado nas fontes textuais, o dialeto que mantém a preferência

A investigação sobre a ordem dos constituintes frásicos, em relação com a sintaxe dos clíticos, será mais produtiva se considerarmos conjuntamente todas as fontes que permitem observar no português quinhentista e seiscentista o dialeto mais enclítico. Será sempre, em comparação com o grosso das fontes textuais, um universo restrito.

<sup>13</sup> Embora exista bastante variação individual entre autores literários, não está identificado outro autor além de Gil Vicente (Martins 2011) que no século XVI apresente um padrão de colocação dos clíticos com predomínio claro da ênclise. No que diz respeito aos textos notariais, a próclise generaliza-se já no século XV, sendo rara a presença da ênclise nos textos do século XVI (cf. Martins 1994, Paixão de Sousa 2004, Galves, no prelo, e referências neste último trabalho).

pela ênclise é apenas visível em algumas poucas fontes textuais que circunstâncias diversas subtraem à homogeneização pela norma de prestígio da época.

O meu objetivo nesta investigação a continuar é estabelecer a existência de dois dialetos (ou, nos termos de Kroch, duas gramáticas em competição) para daí retirar as consequências teóricas necessárias. Do meu ponto de vista, novas análises teóricas da evolução da sintaxe dos clíticos na história da língua portuguesa dependem do esclarecimento desta questão. De facto, os quadros teóricos com que trabalhamos não são suficientemente fechados para definirem por si qual a melhor hipótese, isto é: a de acentuada variação dentro de uma mesma gramática ou a da convivência e competição entre duas gramáticas, uma das quais acabará por extinguir-se. Se a maior plausibilidade da segunda hipótese puder ser demonstrada com base em evidência empírica, abre-se caminho para uma interessante investigação socio-histórica sobre os fatores que terão determinado o desaparecimento da gramática que constituía a norma de prestígio no português quinhentista. Deste modo, o português subtraiu-se a uma linha evolutiva mais pan-ibérica e desenhou a especificidade da sua sintaxe dos clíticos (no que parece ser um percurso semelhante ao do galego)<sup>14</sup>.

Döhla (2014) estudou, numa perspetiva diacrónica, as estruturas em que a preposição *a* precede o sintagma nominal com função de objeto direto, comparando entre si o espanhol e o português. A distribuição quantitativa dos dados no eixo temporal, quando visualizada sob a forma de um gráfico, desenha para o português, em contraste com o espanhol, uma curva em forma de sino, com o pico de frequência da estrutura relevante no século XVII (cf. Döhla 2014:281)<sup>15</sup>. Uma curva semelhante se obtém quando se representa a distribuição no eixo temporal da colocação próclítica dos pronomes átonos nos contextos que virão a ser de ênclise obrigatória (cf. os dados de Paixão de Sousa (2004), reproduzidos em Martins (2011)). Este paralelismo é muito significativo e compatível com a ideia de que durante um período cronológico particular houve processos de convergência gramatical entre o espanhol e o português, limitados aos setores mais letrados/cultos da sociedade e com grande impacto na língua escrita<sup>16</sup>. Daqui resulta a impressão de um percurso diacrónico inesperado para certos casos de mudança na história da língua portuguesa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos dois avaliadores anónimos pelos seus comentários, sugestões e referências bibliográficas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, Rosario / Xosé Xove (2002): *Gramática da Língua Galega*. Vigo: Galaxia.
- Batllori, Montserrat / Narcís Iglésias / Ana Maria Martins (2005): «Sintaxi dels clítics pronominals en català medieval», *Caplletra* 38, 137-177.
- Barros, Anabela Leal de (ed.) (2013): *As Receitas de Cozinha de Um Frase Português do Século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bestillero Belo (2000): «A Posición dos Clíticos no Galego dos Séculos XIII ó XVI». Ms. inédito, Universidade de Santiago de Compostela.

<sup>14</sup> O trabalho inédito de Bestillero Bello (2000), realizado no âmbito de um seminário de doutoramento que lecionei na Universidade de Santiago de Compostela, mostra que nos textos notariais galegos se regista um aumento gradual da frequência da próclise relativamente à ênclise ao longo do período medieval. Nos textos notariais galegos dos séculos XV-XVI a próclise é claramente dominante, tal como acontece nos textos portugueses.

<sup>15</sup> Döhla (2014: 281) descreve assim a sua Figura 1: «it can be said that the diachronic evolution of DOM [differential object marking] in Portuguese is quite different from the one in Spanish. Whereas, as far as the marking of personal pronouns and proper nouns is concerned, the latter one exhibits a more or less linear increase with a high degree of expansion, the Portuguese evolutionary graph resembles a standardized normal Gaussian distribution with its peak in the 17<sup>th</sup> c. (cf. Figure 1). Moreover, Portuguese DOM has at no point in history reached the same expansion as the Spanish one. Finally, DOM has ceased to exist in modern spoken Portuguese but it is very vivid in all Spanish varieties». *Mutatis mutandis*, um quadro semelhante poderia traçar-se para a colocação dos pronomes clíticos nos contextos sintáticos que são objeto de discussão no presente trabalho.

<sup>16</sup> Estou muito grata a Mónica Castillo Lluch por me ter chamado a atenção para a importância do trabalho de Hans-Jörg Döhla (2014) relativamente ao tema do presente artigo.

- Bouzouita, Miriam (2008): *The Diachronic Development of Spanish Clitic Placement*. Tese de doutoramento, King's College London.
- Bouzouita, Miriam (2008): «At the Syntax-Pragmatics Interface: Clitics in the History of Spanish», em Robin Cooper / Ruth Kempson (eds.), *Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution*. London: College Publications, 221-263.
- Castillo Lluçh, Mónica (1996): *La Posición del Pronombre Átono en la Prosa Hispánica Medieval*. Tese de doutoramento inédita, Université Paris XIII.
- Corpus do Português (1300s-1900s), Davies, Mark / Michael Ferreira (2006-). <http://www.corpusdoportugues.org>
- Döhla, Hans-Jörg (2014): «Diachronic convergence and divergence in differential object marking between Spanish and Portuguese», em Kurt Braunmüller / Steffen Höder / Karoline Kühl (eds.), *Stability and Divergence in Language Contact. Factors and Mechanisms*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 265-289.
- Fischer, Susan (2002): *The Catalan Clitic System: A Diachronic Perspective on its Syntax and Phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Galves, Charlotte [2014]: «The Tycho Brahe Corpus of Historical Portuguese: Methodology and results», *Language Variation. Special Issue on Romance Parsed Corpora* (C. Tortora / B. Santorini / F. Blanchette, eds.) (no prelo).
- Galves, Charlotte / Helena Britto / M. Clara Paixão de Sousa (2005): «The change in clitic placement from Classical Portuguese to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus», *Journal of Portuguese Linguistics* 4.1, 39-67.
- Galves, Charlotte / M. Clara Paixão de Sousa (2005): «Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese», em Twan Geerts / Ivo van Ginneken / Haike Jacobs (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003, Selected Papers from 'Going Romance 2003*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 97-113.
- Granberg, Robert Arthur (1988): *Object Pronoun Position in Medieval and Early Modern Spanish*. Tese de doutoramento, UCLA.
- Keniston, H. (1937): *The Syntax of Castilian Prose: The Sixteenth Century*. Chicago / Illinois: The University of Chicago Press.
- Kroch, Anthony (1989): «Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change». *Language Variation and Change* 1, 199-244.
- Kroch, Anthony (1994): «Morphosyntactic Variation», em K. Beals / J. Denton / R. Knippen / L. Melnar / H. Suzuki / E. Zeinfeld (eds.), *Papers from the 30<sup>th</sup> Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society: The Parasession on Variation and Linguistic Theory*. Chicago: CLS, 180-201.
- Kroch, Anthony (2001): «Syntactic Change», em Mark Baltin / Chris Collins (eds.), *Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 699-729.
- Martins, Ana Maria (1994): *Clíticos na História do Português*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2011): «Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino». *Estudos de Linguística Galega* 3, 83-109.
- Martins, Ana Maria (2012): «Coordination, gapping, and the Portuguese inflected infinitive: The role of structural ambiguity in linguistic change», em Dianne Jonas / John Whitman / Andrew Garrett (eds.), *Grammatical Change: Origins, Nature, Outcomes*. Oxford / New York: Oxford University Press, 274-291.
- Martins, Ana Maria (2013a): «Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia», em Rosario Álvarez / Ana Maria Martins / Henrique Monteagudo / Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 383-402.
- Martins, Ana Maria (2013b): «A posição dos pronomes pessoais clíticos», em Eduardo Paiva Raposo / Maria Fernanda Bacelar / Maria Antónia Mota / Luísa Segura / Amália Mendes (eds.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2231-2302.
- Neto, Sílvio de A. Toledo (2001): *Livro de José de Arimatéia (Lisboa, AN/TT, Livraria, Cód. 643): Camadas Lingüísticas da Tradução Ibérica ao Traslado Quinhentista*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Nieuwenhuijsen, D. (2006): «Cambios en la colocación de los pronombres átonos», em C. Concepción Company (ed.), *Sintaxis Histórica del Español*. 2 vols. México: UNAM / Fondo de Cultura Económica, 1337-1404.
- Paixão de Sousa, Maria Clara (2004): *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português de 1600*. Tese de doutoramento Campinas, São Paulo.: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Post Scriptum: A Digital Archive of Ordinary Writings (Early Modern Portugal and Spain)*, Rita Marquilha (coord.) (2012- ). <http://www.clul.ul.pt/en/resources/462-post-scriptum-home>
- Rocha, Nilzete (2009): *Clíticos: Ingrediente na Cozinha Portuguesa do século XVII*. Tese de doutoramento. Salvador, Bahia: Universidade Federal da Bahia.